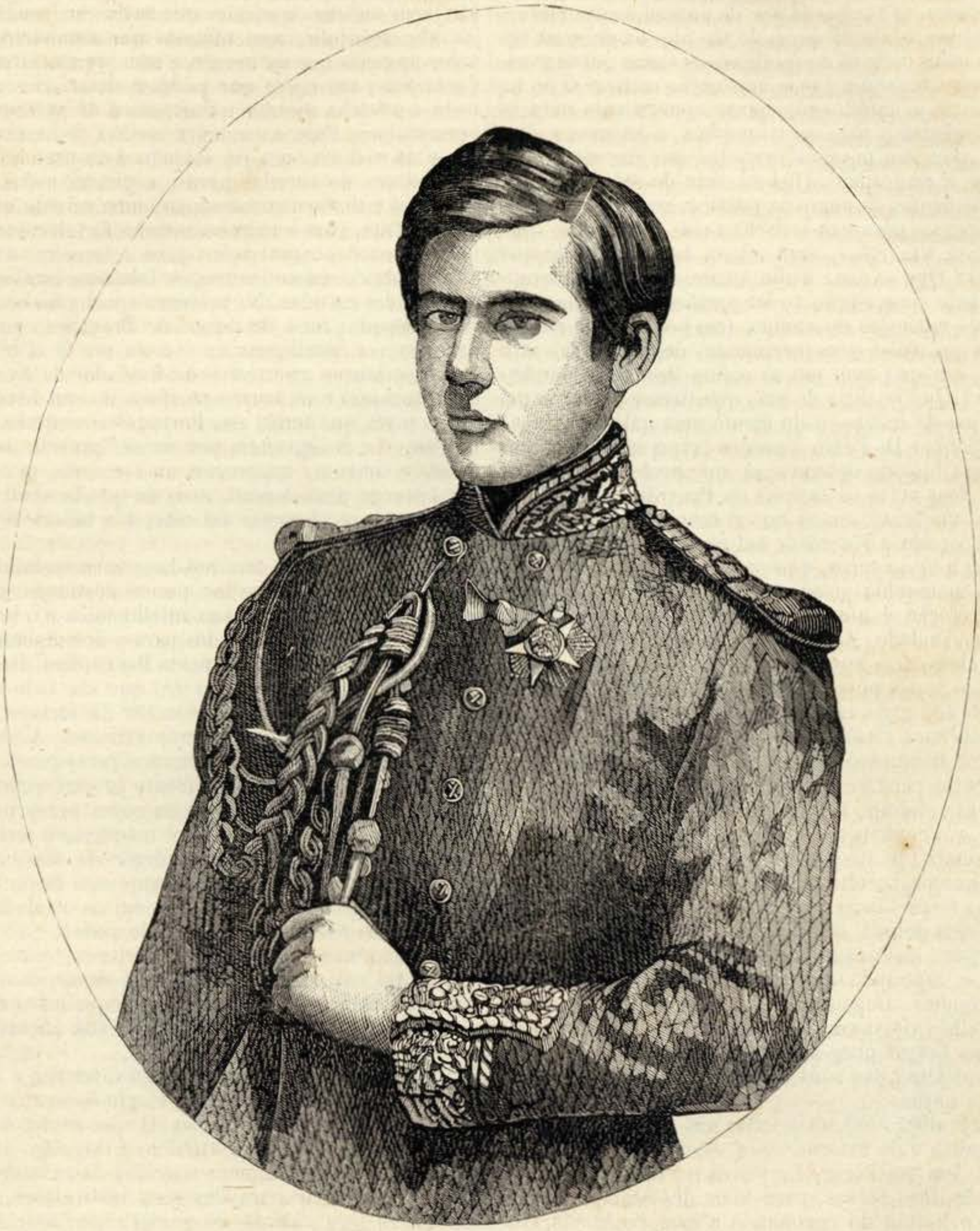


D. PEDRO V.

Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho.

Nascer rei é commum, porque basta o acaso do nascimento. Fazer-se rei é difficil, porque depende da intelligencia e do coração. Um rei, que nasce rei, é um homem a quem a fortuna na cega distribuição dos bens terrenos deixou cair uma coroa sobre o berço. Aquelle é só rei verdadeiro, que tomando o diadema, que lhe concedeu a Providencia, accrescenta aos ornatos da soberania, a magestade da intelligencia. Um rei que se contenta com os esplendores herdados, é um homem vulgar, que se torna conhecido por um manto, por um numero de ordem na serie dos soberanos, pelos respeitos da etiqueta, e pelas lisonjarias dos aulicos. Rei verdadeiro só é aquelle que, ainda mesmo quando a fortuna lhe arrebata os dons caprichosamente concedidos, tenha, no exilio, e no infortunio, uma fronte que recorde a coroa, uma intelligencia que memore a magestade, e um coração que justifique a soberania.

Reinar é mais que nascer, porquê o nascimento é um acaso, e o reinar uma vocação, ou um estudo. Para uma coroa é bastante uma cabeça; para um sceptro, mãos debeis e effeminadas; para a chlamyde sobejam hombros no mais mesquinho; mas para reinar todo o entendimento é curto, toda a vontade frouxa, toda a sciencia diminuta. O rei ha de ser o mais exemplar nos seus costumes, porque está posto

em logar preeminente como espelho dos seus concidadãos. As maculas que apenas deslustram a toga dos humildes, ressumbram e transparecem mais vivas, entre os lumes do throno, na opa dos supremos dominadores. O rei ha de ser de entendimento claro e primoroso, como de quem de tão alto ha de estar velando pelos homens e espraiando as vistas por tão vasto horisonte, como é o de uma nação inteira. O rei ha de sentir o animo egualmente apparelhado para as adversidades e para os triumphos, e pagar em desvelos pelo seu povo os respeitos que lhe attrahe só por si a magestade. Que se diria do soberano que, nos momentos da angustia publica, pozesse em côbro a sua pessoa para não arriscar a vida e o sceptro, que lhe caíu nas mãos, sem algum titulo mais do que nascer? Que se diria d'elle, quando o soldado, arrancado pela conscripção ao lar pacifico da familia e aos lavores modestos do campo, tem por dever a morte, e por galardão o esquecimento, depois de salvar a terra, em que nem um só palmo lhe coube por herança? Que se diria do rei, que fizesse da coroa um diadema de festins, e do manto uma gala de saráos?

O Senhor D. Pedro v nasceu rei; a sua breve, mas honrosa historia denuncía já, que pretende justificar pelos seus actos os favores da Providencia.

Ha cincoenta annos que a revolução, minando e commovendo a sociedade antiga, trabalha por transformar a nossa terra, e por substituir os costumes da velha monarchia pelas idéas da moderna civilisação. A revolução é um grande facto, e uma lei salutar da humanidade. A revolução, mudando os costumes e as idéas, tem aproveitado com egual lição aos soberanos e aos povos. A liberdade popular nasceu da revolução, e da revolução se ergueram tambem alguns thronos actuaes. Nos paizes em que a revolução plantou triumphalmente a sua bandeira, e legou monumentos perduraveis, o laço que prendia os reis e os seus subditos, deixou de ser o terror, para ser o amor e a confiança. Os reis que appareciam velados pela sombra do despotismo, rota pela liberdade a nuvem que os occultava, deixaram perceber humanadas as feições mais amoraveis e radiosas. Quando os reis eram deuses, o povo figurava-os como as hordas selvagens imaginam os seus idolos, dominando pelo raio, e aspirando o perfume sacrilego de humanas hecatombas. Depois que os reis se fizeram homens, os joelhos deixaram de se dobrar na sua presença, mas os braços prestaram-se mais resolutos e vigorosos á defensa dos seus direitos vinculados aos direitos da nação.

A revolução exhauriu entre nós todos os episodios da guerra e do exterminio. A espada fundou a liberdade. Um rei heroe, D. Pedro iv, demittiu de si o peso de duas coroas, para mais desassombrado menear o bastão do commando n'uma expedição, que começou por uma temeridade, e quasi loucura de patriotismo, para acabar n'uma epopéa de victorias. E' lastima que a revolução, que tantas vezes tem salvado a sociedade, deixe traz si um rasto de sangue, e enlucte de crepes as suas glorias. A revolução, plantando em Portugal a liberdade, deixou por largos annos o solo commovido pelas luctas intestinas e pelos odios entre irmãos. Fundou-se a liberdade de um jacto; mas o governo representativo, governo de experiencias e de tradições, levou um reinado inteiro a constituir, difficultado pelas paixões politicas, que são sempre o legado lastimoso das contendas civis.

A Providencia destinára um rei para formular a liberdade, e para sellar com a victoria a magna carta dos foros populares; dispozera uma rainha para assistir ás luctas politicas, em que os cidadãos inexperientes haviam de destillar do succo dos partidos e do fel das paixões a essencia do governo parlamentar. Acabado o primeiro tirocinio, e começado o periodo de aperfeiçoamento e de consolidação, devia apparecer um chefe novo, sem paixões odientas, porque, nascendo no seu tumulto, se educára longe d'ellas; sem viciosas tradições que respeitar, sem lisonjas que retribuir, sem offensas que amnistiar, sem erros proprios que escurecer, e sem preconceitos que dissimular; um chefe que podesse datar do seu reinado a marcha regular e harmonica do systema representativo. Para a primeira epocha, a da abnegação e da victoria, um rei soldado e desprendido dos esplendores do throno; para a segunda, a das contestações e discordias intestinas, uma rainha, educada no exilio, com o animo varonil e fortalecido pelos infortunios da expatriação; para a terceira, um rei de esclarecido entendimento, de laboriosa applicação, e de solidos estudos. Na primeira epocha foi necessaria a espada; foi a do duque de Bragança; agora é necessaria a intelligencia; é a do sr. D. Pedro v. Entre os louros guerreiros do fundador da dynastia constitucional e os louros pacificos do seu herdeiro, entre o rei que funda em Portugal a moderna civilisação, e o rei que tem por missão presidir ao seu desenvolvimento, appareceu uma rainha, que teve por encargo providencial, mais do que as obrigações do throno, os desvelos de mãe, e o officio de educadora.

O sr. D. Pedro v tem até hoje correspondido dignamente á missão que lhe parece destinada. Desde a mais tenra infancia a sua intelligencia e o seu coração tem sido encaminhados para o desempenho das altas funcções que o nascimento lhe confiou. Os ocios que são o enlêvo, e os prazeres que são todo o trabalho de tantos filhos predilectos da fortuna, não tem achado n'elle um cultor supersticioso. A physionomia d'el-rei denuncia aos menos perspicazes o habito da meditação. Na sua fronte juvenil quasi que se podem descobrir desde já as rugas precoces com que a affeição do estudo torna manifesta a sua assiduidade. Ha alli o signal evidente de um homem que se preoccupa mais fundamente com os encargos da sua magistratura, do que com as vaidades da realeza e as ostentações inanes do poder.

Educado nos mais severos costumes, e no mais proveitoso ensino, el-rei chegou ao throno com mais discernimento e mais saber do que aquelles com que muitos potentados se despedem da sua auctoridade e soberania.

Um grande contra traz comsigo o ser rei, e é que aos meritos proprios parece o elogio lisonja, e muitas vezes a verdade adulação. O que se diz do rei, como homem, o vulgo o attribue a respeitos da magestade. Mas nós, homens nascidos da revolução, e só medrados á sombra das suas instituições, mais affeitos ao fôro publico, do que ás régias ante-camaras, podêmos tributar a um homem, que rege um povo, o panegyrico da verdade, sem o incenso que muitas vezes a perfuma, para a encobrir e enturvar.

Em tão verdes annos poucos homens, — e homens principalmente animados pela fortuna, pela gerarchia, pelos respeitos humanos, — haverá de certo que tenham aliado tanta descrição com tamanha cópia de saber. Quasi desde a infancia el-rei é familiar com as linguas cultas da Europa, e com os idiomas classicos, que pela sua perfeição e pelos monumentos em que nos foram transmittidos, nem os proprios reis, para illustrados, se podem eximir de conhecer. As sciencias tem-n'o tido sempre por esmerado cultor, e é proverbial e conhecido no paiz o ardor com que o sr. D. Pedro v cultiva alguns ramos de historia natural. Entre elles parece merecer-lhe uma singular predilecção a ornithologia, de que el-rei possue uma bella collecção, superior a quantas de certo existem nos pobrissimos e raros museus, de que se

soccorre n'este paiz o ensino das sciencias naturaes.

É nos discursos, que el-rei tem proferido em varias solemnidades, que ressumbram os fructos de uma indefessa leitura e meditação, assim como é nos seus actos, que havemos de estudar a prudencia do seu animo e a têmpera e esforço do seu brioso coração.

Quasi sempre os que imperam qualificam severamente estas grandes transformações que deslocam e rejuvenecem as sociedades. Muitas vezes os proprios tribunos, levantados pela onda popular, amaldiçoam no seu fastigio a tempestade que lhes serviu de pedestal. E não raras, os poderosos que a revolução affeiçoou e engrandeceu do nada, insultaram nos excessos da tyrannia a liberdade, que pela mão os encaminhou traidores até ao posto que deshonram pela apostasia da opinião. El-rei, aprendendo a historia no throno, não a aprendeu exclusivamente nos reis; e o seu espirito elevado não lhe consentiu que visse apenas nas revoluções do mundo o facto material das agitações e das guerras civis. A sua intelligencia descobriu, e a sua convicção corroborou, que a humanidade é mais do que as dynastias, e que as revoluções da sociedade são tão conformes ás leis do universo moral, como o são para os homens pensadores as revoluções do globo, julgadas pelos espiritos superficiaes e amesquinhados, uma excepção ás harmonias da natureza. El-rei, que tantas vezes na paz e no silencio do seu gabinete, tem sentido voar as horas, na meditação e no estudo das sciencias, sabe que o nexo de toda a creação se romperia, se fôra o quietismo a norma eterna das sociedades, quando é o movimento quasi a propria essencia do universo material.

O Senhor D. Pedro v, querendo para si sómente as obrigações e os privilegios do primeiro cidadão do seu paiz, acata as franquias que o povo conquistou com o seu esforço, e com o seu sangue. A sociedade regenerou-se pela revolução; mas os povos não se emancipam para a absoluta independencia dos seus membros e para o viver agreste das tribus primitivas. O homem politico deveu o seu fôro de cidadão á sua espada. Agora é mister que deva a sua qualidade de homem civilisado á sua intelligencia e educação. A revolução das escholas é o complemento da revolução das praças e dos campos de batalha. Da liberdade e da cultura espiritual nasce e desenvolve-se a felicidade social, a riqueza publica, a commum civilisação. É por isso que a educação e o ensino nacional são assumptos favoritos, em que se delicia e robustece a meditação e o engenho d'el-rei. Desde as mais elevadas discussões sobre a instrucção até ás mais aridas particularidades d'esta principal e tão fertil provincia da administração, todas as questões do ensino tem livre accesso á facil comprehensão de D. Pedro v. Não desdenhando, por impropria, antes honrando com o exemplo, a missão fecunda do escriptor, o rei de Portugal diverte os ocios da sua vida publica, versando os bons livros, havendo por melhores e mais auctorisados conselheiros a estes que são communs a todos os monarchas, a estes desapaixonados, e livres estadistas, que discorrendo o mundo, por dizerem verdade aos homens, nem aos reis a douram, nem por ella mercadejam honrarias e mercês.

O Senhor D. Pedro v não crê deslustrar a preeminencia e dignidade do reinar, tomando a penna, para, á similhança de D. Duarte, de Napoleão, de Frederico o Grande e do actual rei da Saxonia, accrescentar honrosamente o catalogo dos escriptores coroados, e juntar aos respeitos da soberania a auréola brilhante do talento. Como o rei-philosopho de Sans-Souci, el-rei compraz-se na conversação dos doutos, e a sua presença illustra, e a sua palavra auctorisa as congregações dos sabios, e as solemnidades e festas litterarias. O Senhor D. Pedro v comprehendeu que era a civilisação e a instrucção publica a divisa de seu reinado, porque é a doutrina dominante no seu tempo e no seu paiz. Eis-aqui como el-rei resumia o problema d'este seculo, presidindo á sessão solemne de abertura da eschola polytechnica, em 17 de novembro do anno passado.

«É a reanimar uma sociedade quebrada pelas luctas de principios, d'onde nasce para muitos a descrença dos principios; é a pôr a intelligencia ao pé do poder e do trabalho; é a educar o cidadão para o exercicio da liberdade politica, que tende esse vasto problema da instrucção que está em tantos labios, que para a sua resolução encontra tão poucas vontades. Fazer conhecer os direitos era a obra das revoluções que deviam despertar a sociedade, e ensinar-lhe a fazer depender de si mesma o seu bem-estar. Collocar ao lado da noção de direito a noção do dever, é a tarefa d'aquelles a quem cabe a missão de solidificar o edificio que a revolução social fundou.»

Para reinar n'este seculo é precisa a sciencia, a virtude e a resolução. A cabeça que comprehende, o coração que aspira, não bastariam a presidir aos negocios publicos, se o esforço fallecesse nas supremas magistraturas. Um grande infortunio publico veiu offerecer occasião em que se provasse o animo brioso do soberano. O desfallecimento de tantos animos da melhor tempera, que cederam e afracaram diante de uma temerosa epidemia, serviu como que de fundo, em que destacava mais serena e generosa a juvenil coragem do monarcha portuguez.

As palavras e os actos d'el-rei, a sua educação e os seus costumes annunciavam-n'o como um homem digno de presidir a um povo livre e glorioso. Quando elle, repousando da actividade dos negocios, se recolhe a meditar no seu aspero *officio de rei* (como elle proprio lhe chamou uma vez), a sua elevada intelligencia tem-lhe descoberto mil vezes que um throno constitucional dura sempre mais seguro entre os combates da opinião, entre as tempestades apparentes da imprensa, e da tribuna, do que um throno firmado pelos esteios enganadores da tradição e do terror. Os thronos constitucionaes, que tem por insignia principal a liberdade popular, fluctuam, sem se affundir. Os solios que tem por estrado a servidão, não tem elasticidade para affrontar as commoções que os estremecem. As náos, com vogarem no mais instavel dos caminhos, contam mil vezes as borrascas por victorias. E as torres, com assentar no seio da terra os fundamentos, não resistem sem ruina ás vagas tempestuosas que de dia e noite lhes roem os cimentos.

J. M. LATINO COELHO.

ALFEITE

A real quinta e residencia do Alfeite está no termo e visinhança da villa de Almada, fronteira á cidade de Lisboa do outro lado do Tejo. Como tal seguiu sempre a sorte da mesma villa nas suas successivas donatarias. Primeiro foi dos inglezes que auxiliaram D. Affonso Henriques na tomada de Lisboa. Depois D. Sancho I a deu aos cavalleiros da ordem de Santiago; e quando D. Diniz libertou esta ordem do mestrado de Castella, a encorporou na coroa, dando em troca d'ella as villas de Almodovar e Ourique, com os castellos de Monchique e Aljesur.

D'alli por diante andou quasi sempre na casa das rainhas, e entrou no dote e arrhas que D. Fernaudo deu a D. Leonor Telles. Parte d'estes bens doou a mesma rainha ao celebre David Negro, almoxarife das alfandegas do reino, o qual, fugindo depois com

ella para Alemquer, e seguindo o seu partido na revolução do mestre de Avis, o condestavel D. Nuno Alvares Pereira obteve de D. João, quando ainda era regente do reino, a doação dos bens de David, declarado traidor á patria. A mulher do judeu embargou a doação em seu nome e no de seus filhos, que ficaram em Lisboa. A demanda continuou nove annos, e só acabou em 1393 por uma composição entre as partes, accordando-se que D. Cimfa Negro ficasse com os bens de Almada e seu termo, e o condestavel com os de Lisboa, etc. Parece, porém, que D. Nuno ainda veiu depois a comprar aquelles bens a D. Cimfa, para juntar a outros que já possuia do outro lado do rio.

Depois de compostas as desavenças que entre elle e el-rei houve, e que estiveram a ponto de lhe tirar todas as doações que da coroa recebêra; retirado o conde de Ourem aos seus paços de Almada, sem deixar de vigiar pela sua obra do convento do Carmo de Lisboa; entregou-se á agricultura, desbravando e enriquecendo o sitio do Alfeite. Ahi mesmo o foram incommodar os emulos, renovando os termos da antiga pendencia com el-rei, embargando-lhe as obras, propondo-lhe libello, e obrigando-o a contestal-o. Esta pendencia, porém, terminou por uma escriptura de transacção e amigavel composição entre D. João I e o condestavel, celebrada em Lisboa em 29 de setembro do anno 1403, ficando D. Nuno com os mesmos bens a titulo de aforamento.

Poucos mezes depois, em 28 de julho do anno



Vista do palacio em construcção na quinta do Alfeite. — Desenho e gravura de Nogueira da Silva.

1404, fazia D. Nuno doação d'estes e outros bens á ordem de Santa Maria do Carmo.

As alternativas por que successivamente, a quinta do Alfeite, que até alli se chamava da Penha, passou, até que, em 1697, foi por D. Pedro II comprada a Geraldo Huguer Marcem, por 3:700$000 rs., e encorporada na casa do infantado, instituida por D. João IV para seu filho o infante D. Pedro (o mesmo Pedro II), não o sabemos. Sabemos apenas que, depois, D. João V, em 1707, lhe juntou a quinta da Romeira, havida por sobrogação feita com o conde de Tarouca, por 160$000 rs. em padrão de juros; e outra quinta comprada a Antonio da Maia Aranha, desembargador, por 500$000 rs., quando possuia a casa do infantado, D. Francisco, irmão d'el-rei. O mais foi adquirido por subrogações e compras feitas no reinado de D. Maria I, e ainda pelo infante D. Miguel, que no 1.º de julho 1833 arrematou por 3:600$000 rs. a quinta da Piedade.

O almoxarifado do Alfeite compõe-se hoje das quintas do Alfeite, Romeira, Piedade, Outeiro, Quintinha, Antelmo, e Bomba. Tem mais a vinha do Pagador, a lagoa de Albufeira, os pinhaes de Corroios e do Cabral, e os moinhos do Galvão, Passagem, Capitão, e Torre.

O decreto de 18 de março 1834, que extinguiu a casa do infantado, exactamente 180 annos depois da sua instituição, destinou esta real quinta, e annexas, juntamente com os mais palacios em que costumavam habitar os soberanos portuguezes, para residencia e recreio dos reis de Portugal.

Sua Magestade el-rei o Senhor D. Pedro V acaba de mandar construir n'aquella quinta uma nova residencia, mais confortavel e elegante do que o antigo real casarão, escoltado de pontaletes, que lá havia. É architecto da obra, o da casa real, Joaquim Possidonio Narciso da Silva. A nossa gravura dá idéa do estado, incompleto, em que ainda está. Na distancia em que a vista foi tomada não pôde particularisar as molduras, e dar stricta conta d'aquella architectura composita. Tivemos de contentar-nos com a vista geral. Falta-lhe ainda uma varanda por cima da do primeiro andar, com decorações, baixos relevos, etc. Sentimos não poder entrar em maiores pormenores a tal respeito, e reservâmo-nos para voltarmos ao assumpto, quando estivermos habilitados para isso.

A NOITE DO NATAL

II

A MISSA-DO-GALLO

«Quem é aquella donzella, que, cantando, desce a montanha, radiosa como o arco iris quando coroa as collinas verdejantes de Lena? É a virgem, cuja voz inspira amor; é a formosa filha de Toscar.»

OSSIAN,— *Fingal — Canto* IV

A missa-do-gallo é uma das boas instituições religiosas do catholicismo, bem como todas as instituições que são propriamente nacionaes, e em que o povo póde tomar o seu quinhão de alegria, sem sair do seu verdadeiro caracter. São estas festividades o relêvo ou esmalte da monotona vida das classes laboriosas: é por ellas que o homem do povo mede os horisontes da sua existencia, que marca os capitulos de ventura da sua historia intima, os quaes firma e consagra com as affeições sinceras da sua alma, tomando estas epochas como balisas ou marcos milliarios que avultam no caminho dos annos decorridos ou por decorrer, fazendo-lhes annexar, aos já passados, a lembrança penosa de suas affeições, ou das saudades que o coração desflorára sobre a memoria de um ente querido; aos futuros um desejo de bem ou uma esperança que poucas vezes a sorte enflora.

Estas e outras festividades, umas originaes da religião, outras derivadas de usanças e tradições immemoriaes, são as verdadeiras flores do mundo ideal de qualquer povo; são as circunstancias que concor-



O Tio Jeronimo. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho Junior.

rem para lhe dar um caracter proprio, uma physionomia particular, e um aspecto distincto; são as origens que lhe suscitam as crenças, as usanças e tradições de que matiza, de que inspira e anima o seu viver intimo e as suas convicções moraes e religiosas.

D'ellas nascem formosas lendas, em que a poesia da superstição popular engrandece o culto religioso, firmando-o com a fé, na memoria dos velhos, e com o mysterio, na imaginação juvenil. Os habitos e crenças do povo recebem d'estes factos, consagrados pela egreja, ou solemnisados pela tradição, um distinctivo, que importa conservar e perpetuar, porque n'isso é que residem as suas feições nacionaes.

A litteratura, a verdadeira expressão da sociedade, na concisa phrase de Bonald, bebe n'estas fontes as suas mais nativas e puras inspirações.

A unidade e conservação do caracter moral de um povo subsiste nas suas convicções religiosas e populares. Tirae a qualquer nação as suas crenças e superstições, seus usos e costumes, e vereis o que fica. Um conjuncto de homens de um viver excentrico, positivo e bisonho, sem mundo ideal, que brilhe e ria á phantasia, sem perspectivas de attractivo e encanto que inspirem a alma e a convidem a largos vôos por horisontes sem fim. Seria a aridez moral, sem uma saudade, mas tambem sem uma esperança, que, vecejante e virente, reflorisse perpetuamente voltada para o futuro de nossos desejos.

É por estas razões que, se despirdes os annos das suas galas e louçanias, as epochas festivaes; se desarraigardes estas de suas praticas e costumes; e se, em fim, lançardes tudo no olvido, e desprezardes taes praticas e costumes, fica a existencia social reduzida a uma serie de dias, insupportavelmente uniformes, insipidos, monotonos, estirados, apenas preenchidos de fadigas e trabalhos, e distinctos por um terremoto, por um aguaceiro, ou por um eclipse.

Voltemos agora á nossa aldeia.

O repique de sinos, que fôra como toque de rebate para a familia do bom do nosso tio Jeronimo, tivera a virtude da voz do anjo, bradando das alturas aos adormecidos pastores de Bethlem: Erguei-vos, que nasceu o Filho de Deus. Todos os habitantes da aldeia se pozeram em movimento. Por toda a parte

começaram de apparecer e desapparecer luzinhas, e o ruido de fechar e abrir portas fez-se ouvir em todas as habitações. Em breve os aldeões, entre risadas e folguedos, com a alegria e a esperança no intimo, o sorriso nos labios e o fervor no coração, se dirigiram á freguezia.

Poderamos agora narrar mil episodios occorridos, e peculiares a estas tão almejadas noites de natal: mas não o faremos. A discrição cerra-nos a bocca; e a penna, mais discreta que a propria discrição, pára, recusando-se á tarefa de perscrutar amores, e analysar muitas scenas de picante sainete comico. Continue o mysterio a envolver todas essas anecdotas, historietas e lances, em que todos, mais ou menos, temos figurado de heroes. Calemos por interesse proprio. Agora tomemos o fio da narração de mais alto, para boa intelligencia d'ella, começando por dizer quem era o tio Jeronimo e a sua familia.

O nosso tio Jeronimo era o que se póde chamar um verdadeiro typo dos nossos aldeões de provincia. Era um homem que tinha o peito franco e a bolsa descerrada para todos; que só via caras e não corações; que acreditava nas palavras sem descortinar interiores. Mas sentido com elle em não lhe pregar a primeira, que então ia tudo em vasa-barris, e não lhe pregavam a segunda; porque ainda que lhe fossem depois prégar evangelhos, era malhar em ferro frio, pois que elle seguia o adagio: cesteiro que faz um cesto, faz um cento.

Na sua mocidade, o tio Jeronimo fôra moleiro, porque a perda de seus paes, sendo ainda pequeno, o obrigou a tomar este rumo: porém, pela morte do padrinho, cujo era o casal que elle ao presente possuia e habitava, ficaram-lhe umas vinhas e umas terras de pão, que se estendiam por toda a serra do lado, que entestava o nascente. Já se vê que senhor de tão rica propriedade, o nosso tio Jeronimo tratou de se estabelecer e de tomar estado. Effectivamente fez-se lavrador, e chegou em pouco a ser o mais abastado do sitio. Em quanto a estado, Jeronimo já andava de amores, havia tempo, com Catharina, filha de um carpinteiro de carros da aldeia; o que não era bem olhado pelo pae da moçoila, que não queria que a sua Catharina casasse com um *moço de mulas*, como elle chamava a Jeronimo. Todavia tanto que este, por morte do padrinho, tomou posse dos bens, o negocio mudou de face, e o *moço de mulas* começou a ser tratado com urbanidade pelo futuro sogro. Em fim, o casamento effectuou-se; e depois de dois annos, o amor e esperanças dos dois esposos foram coroados pelo nascimento de uma filha, a quem pozeram o nome de Emilia, por ser o da mãe de Catharina, sendo padrinho do baptismo o cura da aldeia.

Emilia logo desde criança foi o enlevo de seu pae; e com quanto sua mãe, na apparencia, a tratasse de repellão, ella fazia o que queria de Catharina; porque Catharina tinha o terrivel defeito de estar em opposição com todos: de pôr tudo a ferro e fogo em a fazendo encanzinar; de não supportar contrariedade de especie alguma sem romper em berreiros atroadores, realçados por um gesticular petulante e ameaçador; mas ao cabo de tudo, a pobre mulher era uma pomba sem fel, e affadigava-se por fazer bem a todos não querendo mal a ninguem.

Os tempos correram, e Emilia foi crescendo em gentileza e formosura. Todos na aldeia sympathisavam com ella: os velhos viam n'ella um anjo de paz; a indigencia contemplava-a como o seu esteio; e a juventude adorava-a vendo n'ella a sua esperança; em fim chegou a tanto o enthusiasmo dos mancebos aldeões, que lhe pozeram o nome de — Flor da Serra.

Emilia, porém, pagava com gratidão estas demonstrações ternas, mas seu peito ainda não palpitava de amor.

Entre os mancebos da terra, que a requestavam, havia um chamado Pedro, filho do cirurgião da aldeia, o qual mais se fazia notar pela insistencia dos seus extremos e declarações; e que lhe parecia impossivel que a indifferença de Emilia o comprehendesse, porque se julgava com direito ao seu amor em consequencia de ser filho de uma das notabilidades da terra.

Este Pedro era um rapaz de caracter impetuoso e vingativo; de um temperamento ardente e irascivel. Elle calava no fundo d'alma o desprezo com que Emilia o tratava; mas quem n'elle attentasse perceberia, pelo torvo de seu aspecto e maneiras retrahidas, que n'aquelle coração, a par de muito amor, existia outro sentimento, não menos forte, que não era a resignação; sentimento que, á medida que seu amor lhe era repulsado pela indifferença constante da filha de Jeronimo, recrescia e se ateava de dia para dia. O peito de Pedro era comparavel a um volcão; aguardava só pela hora predestinada para rebentar em explosão.

Um acontecimento veiu livrar Emilia d'este amante, que ella mais temia que prezava. A obrigação em que estava a aldeia de dar um homem para o recrutamento, fez com que Pedro fosse sorteado, e que n'elle caisse a sorte; sendo por conseguinte obrigado a ausentar-se da terra, e ir para o regimento que lhe foi destinado.

Passados dois annos, appareceu de novo na aldeia, já feito segundo sargento; e sem consultar Emilia, atreveu-se a pedil-a a seus paes. Catharina, deslumbrada pelo posto do joven militar, esteve quasi tentada a dar o seu assentimento; mas Jeronimo quiz que sua filha fosse ouvida, visto que o negocio lhe dizia directamente respeito: esta recusou immediatamente. O novo militar, respirando mais raiva do que amor, despediu-se da familia; e apertando a mão de Emilia, disse-lhe com um accento terrivel estas palavras, que sempre lhe ficaram gravadas na memoria: *Emilia, pensa bem quanto póde um amor desprezado; e fica certa que Pedro, assim como te soube amar, tambem saberá vingar-se.*

Assim iam as cousas, quando aconteceu morrer um irmão a Jeronimo na provincia da Beira. Este irmão era um lavrador abastado e solteiro, mas que tinha um rapaz em sua companhia, que criára de pequeno, e a quem queria como a um filho. As más linguas asseveravam que elle verdadeiramente o era, o que nós não sabemos ao certo; o que sabemos é que o bom velho o chamou á hora da sua morte, e lhe disse:—Antonio (que assim se chamava o rapaz), tanto que eu feche os olhos, trata de pôr tudo que me pertence em arranjo; e depois irás procurar meu irmão Jeronimo, que tu aqui já viste por varias vezes, e lhe entregarás um maço de papeis, que está dentro d'aquelle bofete, e esta carta. Meu irmão é um homem honrado; tu tens sido sempre bom rapaz; estou que não has de ficar mal com elle.

No dia seguinte o bom do homem morreu; e Antonio, depois de chorar sinceramente a sua morte, fez as suas disposições, e poz-se a caminho para a aldeia do tio Jeronimo, ao qual se apresentou. Este recebeu Antonio como o seu bom natural lh'o pedia; e tendo mutuamente lamentado, um a perda de um irmão, outro a de um homem de quem recebêra os extremos de pae, Jeronimo leu a carta e os demais papeis, dizendo depois:—é a idéa que elle sempre teve; ella não é má; o caso está que não fique só em desejos!

— E porque ha de ficar só em desejos, tio Jeronimo? pergunta Antonio, sem saber de que se tratava; se é uma idéa boa, e é, de mais a mais, de seu irmão, que nos ha de empecer de a levar ávante?

— O tempo te dará a resposta, meu Antonio,

volveu Jeronimo. Por em quanto contenta-te de saber que ficas na nossa companhia, que não pódes ficar melhor, porque n'este particular não has he sentir a falta de meu irmão.

Antonio, que effectivamente era um bom rapaz, esteve por tudo; e em breve, por suas qualidades estimaveis, grangeou a estima de toda a familia.

Todavia, Antonio, decorrido tempo, principiou a andar a modo preoccupado e cabisbaixo. Todos o estranhavam; elle que era tão jovial e folgasão; que sempre fôra o primeiro nas danças da aldeia, e o mais afamado improvisador *ao desafio!* E para que lhe havia de dar? para andar desviado da mais gente, como ovelha trasmalhada; ou para se ir assentar ao pé do poço que estava junto do moinho do tio Jeronimo, e ahi levar horas esquecidas a pensar, de olhos fitos n'um rosal, para onde Emilia, ao pôr do sol, costumava ir refocillar da lida do dia.

Uma tarde, em que Antonio estava no seu posto do costume, mais embevecido do que nunca no seu cogitar profundo, foi despertado de subito por uma pequena pancada no hombro: virou-se, e deu com Emilia, que com um papel na mão, entre-sorrindo-se, lhe disse:

— Estás sempre tão pensativo, Antonio. A modo que d'antes não eras tão triste. Isso são por certo saudades da tua terra, não é assim?

— Saudades? retorquiu Antonio, olhando-a com prazer; de quem as hei de eu ter, a não serem d'aquelle que me tratou sempre como pae?

— Não; essas saudades, que te trazem tão pezaroso, não são de gente morta, tornou Emilia com malignidade.

— Pois de outrem não as tenho; respondeu Antonio com decisão.

— Então é outro sentimento que te consome; porque, se fosse saudade de meu tio, devia diminuir com o tempo, que tudo gasta, e não augmentar: salvo se cá em casa te quizessem mal; mas tu és tão bem tratado como eu; não é assim?

— Oh! por certo.

— Então é outro motivo.

— E bem diverso.

— Bem diverso?... replica Emilia com curiosidade. Então porque te não abres comnosco, Antonio? Não seremos nós capazes de te guardar um segredo, e de te minorar qualquer mal, quando esteja em nossa mão?

Antonio pareceu luctar comsigo mesmo: entreabriu os labios, como para articular uma resposta, mas depois ficou silencioso.

Emilia quasi que transviu o que n'elle se passava; e com um tom meigo e gesto affavel, lhe disse:

— Ora dize, Antonio, dize o que tens.

— O que é, sabel-o tu melhor que ninguem; disse elle por fim, como arrancando a si uma confissão, que lhe enleava a alma.

— Eu?! exclama a ingenua camponeza maravilhada. Se nunca ninguem m'o disse; tu tambem nunca m'o disseste, como o hei de eu saber?

— Diz-t'o a minha perturbação; dizem-t'o os meus olhos; diz-t'o esse proprio papel, que tens na mão; e tenho-t'o eu dito muitas vezes, por minhas maneiras e palavras: tu é que não me queres entender; clamou Antonio com energia, por fim, erguendo-se.

— Pois tu foste que escreveste este papel? perguntou Emilia, sorrindo.

— Fui, sim; respondeu o mancebo enthusiasmado.

— E que diz elle, atalhou uma voz, d'entre o arvoredo proximo, que se conheceu logo ser a do tio Jeronimo, o qual appareceu de subito entre os dois jovens camponezes, lançando mão do papel, e lendo o que se segue:

«D'entre as rosas do rosal
És Emilia, a mais formosa;
Respiras o seu perfume,
És como ellas viçosa.

«Quem dera poder colher-te,
Já que meu peito ferido
De tua negra esquivança
A ti já está rendido.»

— Caspite! Mais claro só agua, acrescentou Jeronimo, depois de haver lido, olhando para os dois com uma expressão galhofeira. Uma declaração de amor, e em verso magnifico!... Então onde achaste tu este papel, Emilia? lhe pergunta elle com um sorriso sardonico.

Antonio e Emilia, com quanto soubessem que Jeronimo não era pessoa capaz de suppor mal d'elles, porque a fundo conhecia a probidade de um e a virtude da outra, no primeiro instante ficaram estupefactos e corridos de se verem apanhados n'um lance inteiramente novo para elles.

— Então não me respondes, Emilia? repetiu o velho. Estás com os olhos cravados no chão, e vermelha como uma romã. Achar um papel não é crime. Em que logar o achaste, dize?

— N'aquelle rosal, onde me costumo sentar ás tardes; respondeu por fim a bella camponeza, sem erguer a vista.

— E foste tu que o escreveste, Antonio? continuou Jeronimo.

— Fui, tio Jeronimo, acudiu o mancebo com resolução. O velho, a esta affirmativa, rompe n'uma gargalhada estrondosa; os dois ficaram cheios de pasmo; mas elle os tirou d'este embaraço, fallando assim a Antonio:

— Não te disse eu, que a idéa de meu irmão havia de ser o tempo que t'a revelasse, heim?

— Assim é, tio Jeronimo, respondeu aquelle, quasi adivinhando já.

— Pois ahi está o tempo, que t'a revelou. Meus filhos, continuou o bom do aldeão, estendendo-lhes a mão; *vocês* estimam-se, e não hei de ser eu, nem tão pouco Catharina, que levemos a mal isso. Meu irmão, que para ti foi pae, proseguiu elle virando-se para Antonio que o ouvia absorto, assim o desejava. Elle não quiz prejudicar a amizade, nem o parentesco; porque, fazendo-te seu herdeiro, era eu lesado; não disponho as cousas a teu favor, mal terminava a sua amizade para comtigo, pois te deixava ao deus-dará: assim combinou tudo, desejando que *vocês* se unissem, porque era a unica maneira de tudo ficar em casa. Eu, porém, é que não quiz que isso se fizesse á virga-ferrea; porque, ainda que se diz, que o casamento e a mortalha no ceo se talha, eu cá digo que é uma cousa que deve de ser muito da livre vontade de cada um; e por isso quiz espreitar primeiro a sua inclinação. Agora já sei qual é. Confesso que fiz um papel avêsso ao meu genio, e feio, em estar á escuta por detraz d'aquellas arvores; mas como foi para bom fim, não me arrependo. Ora, pois, meus filhos, alegrem-se que brevemente serão um do outro.

Emilia e Antonio saltaram ao pescoço do velho aos abraços, na maior effusão de ternura, a que elle correspondeu com affecto, acabando assim este colloquio. Em seguida foram todos d'alli dar parte do acontecido a Catharina, que, d'esta vez, não fez opposição.

Mas eis que os aldeões já vem saindo da freguezia. Pois que! acabaria já a missa do gallo? Parece impossivel. Ou o cura a disse muito depressa, ou nós nos demorámos excessivamente a esmiudar os particulares da familia do nosso tio Jeronimo. Ha de ser uma das cousas, porque effectivamente os cam-

ponezes já enchem as quelhas da aldeia e clareiras da serra, em demanda de suas casas, ledos e anciosos por se irem lançar á consoada que os aguardar.
(Continúa).

ANDRADE FERREIRA.

MOEDAS DOS REIS CATHOLICOS EM CASTELLA

II

Não bastariam muitos volumes, se se houvesse de fazer extensa relação das variações que teve a moeda em Hespanha, e particularmente em Castella, até que os reis catholicos fixaram de algum modo o seu peso e valor, que são os que mais se aproximam do que hoje conservam. Entretanto em nenhum reinado teve tantas alterações, como no de Henrique IV, no qual houve uma desmedida liberdade na fabricação da moeda, de modo que, não havendo anteriormente no reino mais que cinco casas reaes de moeda, este monarcha deu em tres annos licença a todos os que para isso lh'a pediram, por cujo motivo chegou a haver 50 casas de moeda auctorisadas por elle, além das casas dos prateiros ou outros artifices, que cunhavam tambem moeda a seu belprazer. As consequencias d'esta licença foram cunhar-se muita moeda falsa, e cair o reino em tão grande confusão, que a vara de panno que costumava valer 200 maravedis, subiu a 600 O marco de prata que valia 1,500, chegou a valer 6,000; e o quintal de cobre que valia 2,000, chegou até 12,000; tanto que, segundo Affonso Florez, n'um manuscripto da bibliotheca de D. Luiz de Salazar, se diz: — «Que não ficou no reino, nem caldeira, nem cantaro, que quizessem vender, que não achasse logo comprador por seis vezes mais do que valia» — e continúa — «foi a confusão tão grande, que a moeda de vellon, que era um quarto de real, que valia cinco maravedis, feito em casa real com licença d'el-rei, não valia uma branca, nem a tinha de lei; e dos henriques, que então se cunhavam, os primeiros dos quaes foram de 23 quilates e meio, ouro de dourar, chegaram a fazel-os nas casas reaes de 7 quilates, e os moedeiros falsos da baixa lei que queriam.» — Por esta razão se perderam muitas casas e se augmentou este desastre pela baixa de moeda, que chegou a ser tal, que o quarto, que valia cinco maravedis, baixou a tres brancas. O ouro não pôde taxar-se senão pelos quilates que cada moeda tinha; e como a depreciação foi tão grande, que o que valia dez brancas desceu a tres, se perderam todos os que tinham cabedaes; vindo d'isto tão grande confusão, que as gentes não sabiam que fazer, nem como viver em tempo em que, por assim dizer, estavam sem lei, nem moeda; pois não querendo, nem os lavradores, nem os commerciantes recebel-a, pelas alterações que n'ella havia diariamente, se trocavam os comestiveis e os objectos de commercio, uns pelos outros, como se fez nos antigos tempos, antes de conhecida a moeda, que é o meio convencional mais commodo e util da riqueza entre os homens. Causaram tanto damno as alterações da moeda, que com ellas vieram todos os delictos; e sobre isto diz o auctor citado: — «As ordens de Santiago, Calatrava, Alcantara, e prioradas de S. João, e assim todas as commendas, tinham em cada ordem dois e tres mestres, e cada um roubava as terras que deviam pertencer ao seu mestrado, e tanto roubavam, que despovoavam a terra; e o reino, que era tão rico de gados, caíu em grande carestia e pobreza, assim pela moeda, como pela grande destruição dos roubos.»

Foi nas cortes de Nieva de 1473 que pediram ao rei remedio para este mal, que havia chegado a tal ponto, que a maior parte da moeda de prata já não era d'este metal, mas de cobre prateado, como se vê hoje nos monetarios, com a legenda — «Enricus Dei Gratia Rex» — com um castello no reverso.



(Continúa).

LAGOS AMERICANOS

Segundo os mais recentes trabalhos geodesicos, a extensão dos grandes lagos d'agua doce, na America, está minuciosamente conhecida.

O lago Superior tem no seu maior comprimento 539 kilom. (108 legoas) e 257 kilom. na sua maior largura. Tem a profundidade média de 300 metros, uma elevação sobre o nivel do mar de 190 metros, e uma superficie total de 51.488 kilom. quadrados.

O maior comprimento do lago Michigan é de 579 kilom., e a sua maior largura de 173 kilom. A profundidade média é de 273, e a elevação acima do nivel do mar de 208 metros; a superficie total de 32.180 kilom. quadrados.

O lago Huron tem no maior comprimento 321 kilom. e 257 na sua maior largura; profundidade média 91 metros; elevação acima do nivel do mar 174 metros; superficie total 32.000 kilom. quadrados.

O lago Erié tem no maior comprimento 402 kilom., e 108 na sua maior largura; profundidade média 60 metros; elevação acima do nivel do mar 168 metros; superficie total 9.654 kilom. quadrados.

O lago Ontario, em fim, tem no maior comprimento 289 kilom. e 104 na maior largura; profundidade média 152 metros; elevação acima do mar 79 metros; superficie total 9.654 kilom. quadrados.

O comprimento total dos cinco lagos é de 2.458 kilom., e a sua superficie total de perto de 144.910 kilom. quadrados.

ENIGMA PITTORESCO



LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, rua da Boa Vista, 4 P.